



O autor orienta Exercícios Espirituais, é membro da equipe do CEI e redator da Revista.

Sob a aparência de anjo de luz: considerações sobre o discernimento das tentações de Segunda Semana

Emmanuel da Silva e Araujo, SJ

1. Introdução

Santo Inácio, partindo de sua experiência espiritual, elabora 23 regras para ajudar o exercitante no discernimento dos espíritos. Nesse conjunto, há um detalhe que chama a atenção: depois da 14ª regra [327], ele não oferece uma 15ª na mesma sequência, mas inicia uma nova série, de oito regras [328-336]. Assim, o tema é discernimento, mas há duas séries de regras: a primeira, intitulada *Regras para de algum modo sentir e conhecer as várias moções que se produzem na alma: as boas para aceitá-las e as más para rejeitá-las*, e a segunda, cujo nome é *Regras para a mesma utilidade com maior discernimento de espíritos*. Qual o motivo dessa mudança? Partindo da resposta a essa pergunta, farei algumas considerações sobre o discernimento das *consolações* nas Regras de Segunda Semana. Uma leitura das *Anotações* pode nos ajudar.

2. As anotações e as duas épocas espirituais¹

As anotações 6ª a 10ª apresentam várias situações de movimentos interiores que o exercitante pode viver. Na 6ª anotação, um alerta inicial: se ele não experimenta moções espirituais, como consolações e desolações, nem é agitado pelos diversos espíritos, quem dá os Exercícios deve verificar se está seguindo corretamente as indicações metodológicas [6]. Note-se aqui a referência a duas situações espirituais: ou consolações e desolações, ou agitações de vários espíritos.

1. Cf. Santiago ARZUBIALDE, *Ejercicios Espirituales de S. Ignacio — Historia y Análisis*, Bilbao-Santander, Mensajero-Sal Terrae, 2009, p. 77-86; Carlos Domínguez MORANO, *Psicodinámica de los ejercicios ignacianos*, Bilbao-Santander, Mensajero-Sal Terrae, 2004, p. 55-63; Daniel GIL, *Discernimiento según San Ignacio*, Roma, CIS, 1983, p. 268-273.

E se o exercitante experimenta *moções* e está *desolado*, quem dá os Exercícios deve animá-lo [7], sem se descuidar, porém, do fato de que ele apresenta estados interiores e necessidades espirituais distintas, em momentos distintos; por isso, a série de regras de discernimento que mais poderá ajudá-lo depende dessas situações. Deve, então, saber perceber se o exercitante necessita ser instruído sobre as desolações e as astúcias do inimigo ou sobre as consolações [8], porque este é tão astuto que pode manifestar-se na forma de *desolação* ou *falsas consolações*, dependendo do momento espiritual da pessoa².

Existem, assim, duas séries de regras, porque o exercitante terá necessidades interiores distintas em momentos distintos de seu processo espiritual, as quais precisam de respostas que o ajudem em seu discernimento e crescimento. Os dois títulos das duas séries mostram a diferença entre duas *épocas espirituais*: a do *conhecimento inicial*, de quem é principiante na experiência de Deus — *para de algum modo sentir e conhecer* —, e a do *conhecimento interno mais profundo*, de quem já cresceu na experiência de Deus — *com maior discernimento de espíritos*. A primeira série beneficiará alguém que está em *situação de Primeira Semana* [9] e a segunda série, aqueles que estão em *situação de Segunda Semana* [10].

Nas anotações, Inácio não faz um tratado detalhado sobre as épocas espirituais, mas já alerta para a ocorrência dessas situações interiores do exercitante. Essas “são anotações que nos fazem ver, portanto, um aspecto fundamental em sua concepção dos Exercícios: a de seu caráter processual, em que devem ser respeitados escrupulosamente os tempos e os ritmos de cada etapa”³.

Durante a Primeira Semana, o exercitante se vê diante da difícil tarefa de renunciar a antigos objetos de desejo que lhe causam desordem na vida e de buscar purificar-se de seus pecados. É um autêntico trabalho de renúncia a antigos amores, no qual é preciso buscar a graça de *aborrecer-se* [63] de sua conduta passada, que lhe aparece como claramente *desordenada*, para situar-se diante de um novo objeto de amor: o Crucificado.

Enquanto vive esse processo e experimenta de maneira nova a presença do Amor, não é prudente introduzir a dúvida sobre a maneira como o Amor se manifesta a ele, isto é, sobre a *consolação*. Disso se trata na Segunda Semana [9]. A 10ª anotação alerta sobre o fato de que na Segunda Semana é fundamental *introduzir a suspeita* no percurso de seu processo interior, pois ele já deu um salto de

2. Veja-se a experiência de Inácio na *Autobiografia*: tentação descarada nos primeiros meses de Manresa, com forte alternância entre consolação e desolação (20-21), e a longa noite dos escrúpulos (22-25); aqui, situações típicas da Primeira Semana. Vencidas essas tentações, surge outra que o atacou até a *Ilustração do Cardoner*: uma coisa muito bela aos olhos, que o fascinava e dava-lhe grande consolação, mas que, depois de algum tempo, experimentava desagrado (19;31). Depois da *visão do Cardoner*, tem um entendimento claro de que era o demônio; aqui está descrita uma falsa consolação. Mais tarde, durante os estudos de gramática em Barcelona, tem grandes iluminações espirituais com muitas consolações. Percebe que essas iluminações e consolações não vinham de Deus, pois o afastavam daquilo que o Senhor lhe pedia no momento: estudar (54-55). Essa mesma tentação retorna durante os estudos em Paris (82). SANTO INÁCIO DE LOYOLA, *Relato do Peregrino*, São Paulo, Loyola, 2006.

3. DOMINGUEZ..., *Psicodinâmica...*, op. cit., p. 55.

4. Cf. *Ibidem*, p. 178-182.

crescimento na experiência espiritual e o tentador mudou de tática: agora atua de *maneira camuflada*⁴.

3. Mudança de tática, mudança de regras: a sutileza da tentação sob a aparência de bem

5. A espiritualidade clássica apresenta o processo de crescimento espiritual na experiência mística em três vias. A primeira, a *via purgativa*, consiste na purificação da alma mediante oração e mortificação; a segunda é a *via iluminativa*, momento no qual a alma começa a gozar da presença de Deus; a terceira, a *via unitiva*, é a que produz a união amorosa da alma com Deus, ou seja, o matrimônio espiritual.

6. Cf. J. CLÉMENCE; J. LAPLACE, ... *para buscar y hallar la voluntad de Dios*, México DF, Colección Renovación — Serie Adjunta v. 1, 1972, p. 24.

O exercitante da Segunda Semana já passou pelos primeiros estágios da *via purgativa*⁵ e não se surpreende tanto com os sobressaltos de sua sensibilidade. Ele sente os movimentos de seus afetos, mas lida com eles com mais segurança e tranquilidade, pois sabe que é guiado pela luz de Cristo. Está purificado de seus pecados e experimenta a consolação do encontro com o Senhor Misericordioso. Agora ele se lança a uma experiência mais profunda, diante do Rei Eterno que o chama ao seguimento [91-98]⁶.

Na *via purgativa* da Primeira Semana, em que o combate dos espíritos era *manifesto e as tentações grosseiras*, ele tinha que fortalecer-se e lutar abertamente para defender-se dos ataques do mau espírito e para permanecer firme. Precisava aprender o modo de proceder na ausência de consolações [318-321], a sair no contra-ataque [324] e a defender seus pontos fracos [327]. Tratava-se, sobretudo, de um trabalho sobre os afetos, cuja desordem era evidente no início de seu processo de interiorização. As tentações grosseiras foram descobertas [326] e o mau espírito já não atacará abertamente, pela desolação; ele mudará a tática e *atacará por meio da consolação*.

7. Cf. *Ibidem*, p. 52-53.

8. *Ibidem*, p. 56.

O conhecimento dos espíritos, tal como mostram as Regras da Primeira Semana, é ainda *grosseiro* e o perigo aí é a inércia, o medo que paralisa. Já na Segunda Semana, o discernimento é mais delicado e mais fino e o perigo é a *ilusão* que leva ao *erro sutil*⁷. Deste modo, “as Regras de Primeira Semana constituem uma disciplina crítica da sensibilidade e as Regras da Segunda Semana constituem uma disciplina crítica da razão”⁸. Santo Inácio alerta para o fato de que no discernimento da Segunda Semana a matéria é mais sutil e mais elevada [9] e só deve ser apresentada aos que estão suficientemente amadurecidos para compreendê-la. O sinal de que alguém alcançou esse estágio é um gênero de tentação que ele chama de *sob a aparência de bem* [10]. Portanto, nesse estágio mais avançado da *via iluminativa*, é preciso ser inteligente e bem treinado para *discernir a verdade da consolação*⁹.

9. Cf. *Ibidem*, p. 24.

É importante reforçar: na Primeira Semana ou primeira época espiritual, o exercitante recebe consolações e desolações contrárias

entre si, com pensamentos que saem de uma e de outra, também contrários entre si [317-318]. Aqui, o bom espírito guia e aconselha em consolação e o mau espírito em desolação [318]. Na Segunda Semana, surgem pensamentos bons e santos e consolações semelhantes, porém estes podem não ser de Deus, e sim artifícios do mau espírito que, travestido em *anjo de luz*, vai *tentá-lo sob a aparência de bem*, arrastando-o *sutilmente ao engano*¹⁰.

Inácio mostra que o engano dá-se em situações espirituais bem distintas: no campo dos *prazeres*, em âmbito afetivo-emocional, típico da Primeira Semana — “prazeres aparentes” [314] —, e no campo da *razão*, em âmbito cognitivo-intelectual, típico da Segunda Semana — “razões aparentes” [329]¹¹. Aqui, o exercitante já não necessita tanto da *vontade* para purificar seu olhar, mas da *inteligência* para deter-se, observar e compreender o que se passa em seu interior. Portanto, deve ser instruído mais detalhadamente sobre a sutileza do discernimento dos espíritos, pois o ataque do inimigo agora é *encoberto* [332;10]. É esta forma que seguimos analisando.

4. Necessidade de discernir as consolações¹²

No processo dos Exercícios, é de vital importância aprender a discernir as consolações, pois a eleição será baseada nelas¹³. Inácio dá orientações para ajudar o exercitante a ter segurança de que segue uma consolação que vem de Deus e a saber se a moção é boa e digna de confiança. Na sequência das Regras temos¹⁴: [329] Alerta para o contraste já conhecido entre o que é próprio do bom espírito e do mau espírito, mas com uma tonalidade distinta [314-315]; [330] mostra uma forma completamente segura de consolação; [331-335] apresenta métodos, critérios e precauções para se ter segurança diante de uma consolação, inclusive se ela é duvidosa; [336] alerta sobre o tempo seguinte a uma experiência de consolação que só Deus pode dar.

Trata-se, pois, de discernir consolações opostas entre si. Como a sensibilidade foi purificada, a consolação muda de natureza: há verdadeira alegria e júbilo espiritual que expulsa toda tristeza e toda perturbação introduzidas pelo inimigo e, portanto, reconhecidas como ação de Deus [329]. No entanto, ainda é possível notar uma tentação sutil para tirar a paz da consolação: há momentos em que, sentindo alegria e desejando a Deus, a pessoa, no fundo, sente-se presa a algo, a uma rede de pensamentos que não demonstram consistência.

10. Cf. GIL... *Discernimento...*, op. cit., p. 268-270.

11. Cf. Carlos Domínguez MORANO, “Engaño”, em: J. García de CASTRO (org.), *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, Bilbao-Santander, Mensajero-Sal Terrae, 2007, p. 761.

12. Sobre a aplicação das Regras de Segunda Semana ver, Timothy GALLAGHER, “O discernimento dos espíritos: quando é que se aplicam as Regras de Segunda Semana?”, *Itaici — Revista de Espiritualidade Inaciana*, 77 (2009), p. 21-38; GIL... *Discernimento...*, op. cit., p. 274-388; Luís GONZÁLEZ-QUEVEDO, “Quando o mal se distarça de bem. Regras de discernimento da Segunda Semana”, *Itaici — Revista de Espiritualidade Inaciana*, 85 (2010), p. 84-96.

13. Cf. LAPLACE... *para buscar...*, op. cit., p. 24-31; Toni CATALÀ, *Discernimento y vida cotidiana* (ELDES 22), Barcelona, Cristianisme i Justícia, 1987, p. 26-31.

14. Cf. Dario LÓPEZ TEJADA, *Los ejercicios espirituales de San Ignacio de Loyola — Comentarios y textos afines*, Madri, EBIDESA, 1998, p. 888.

Algumas vezes está *consolada*, mas manifesta *escrúpulos* e *dúvidas* que assaltam sua consciência. Raciocina excessivamente, mas não sai do lugar, não progride. Aí se pode sentir o inimigo sutilmente tentando tirar a paz da consolação.

Vejam algumas expressões esclarecedoras de Inácio na primeira regra [329] comparando-a com [315]¹⁵:

[315] — *na pessoa que vai crescendo de bem a melhor no serviço de Deus, é próprio do mau espírito remorder, entristecer, pôr impedimentos, inquietando com falsas razões, para que a pessoa não vá adiante.*

a) Falsas razões

São próprias do exercitante não muito versado nas coisas espirituais, que é tentado aberta e grosseiramente. *Falsas razões* são argumentos simplesmente impressionantes, mas *não com aparência de bem*. O inimigo engana provocando a percepção de um obstáculo *aparentemente* intransponível. O obstáculo, porém, não é real, mas superdimensionado pela *falsa razão*, que atinge um ponto fraco da pessoa [328], mexe com sua sensibilidade e a faz ver as coisas fora de proporção. Esse engano tende a *paralisá-la e desmobilizá-la*, porque *causa medo, assusta* [326].

Por exemplo, o pensamento que veio a Inácio em Manresa: “Como poderás sofrer tal vida nos setenta anos que hás de viver?”¹⁶. Ou um pensamento que vem comumente a quem está desolado: *Deus nunca esteve comigo. Abandonou-me agora, quando eu mais precisava...* São razões falsas: sua intenção é desmoralizar, desmobilizar, desanimar, fazer voltar atrás, com o anúncio de calamidades e desgraças.

[329] — *Deste (do inimigo da natureza humana) é próprio combater essa alegria e consolação espiritual com razões aparentes, sutilezas e frequentes ilusões.*

b) Razões aparentes

Movem o exercitante na mesma direção em que Deus aponta, mas minando aos poucos sua resistência, de maneira bastante sutil, para que ele pense que está indo em direção *às coisas do alto*. Se não estiver atento, quando perceber, terá se desviado do caminho e estará se dirigindo *às coisas baixas e terrenas*.

O perigo aqui é que a *razão aparente* pode não ser percebida de imediato, se o exercitante não estiver atento através *do muito*

15. Cf. GIL... *Discernimiento...*, op. cit., p. 77-82, 282-286; LÓPEZ... *Los ejercicios...*, op. cit., p. 890-894.

16. INÁCIO DE LOYOLA, *Autobiografia de Inácio de Loyola*, São Paulo, Loyola, 1991, n. 20.

*examinar-se*¹⁷. Ela é maquiada, disfarçada, tem aparência de verdadeira, formosa e bela, mas esconde o erro por trás de sua maquiagem e induz ao engano.

Note bem: *as razões aparentes* militam contra a verdadeira alegria porque são *aparentemente verdadeiras*. Elas têm um discurso bem fundamentado, fantasiam-se de coisas boas, mas sua verdade é somente maquiagem. Por exemplo: *rezo uma hora por dia, mas há tanto que fazer! Se rezar meia hora, terei mais tempo para ajudar as pessoas que me procuram...*

c) Sutilezas

Razões que parecem consistentes e justificam uma decisão, mas que, aos poucos, levam a decisões erradas. Um exemplo esclarecedor: duas jovens estudantes sentem-se confirmadas em sua opção profissional e ao mesmo tempo chamadas ao maior serviço de Deus. A primeira, discernindo, percebe que servir a Deus implica ser uma ótima profissional e que, portanto, deve concluir bem o seu curso, o que significa adiar maiores compromissos em sua comunidade. Assim, ela decide participar dentro da justa medida de sua situação atual. A segunda sente-se muito atraída pelo estudo, sua profissão exige estudar a sério, tem desejo de fazer um mestrado e doutorado, mas, ao mesmo tempo, lança-se mais ao serviço da comunidade em detrimento dos estudos, porque sente que estará dizendo não a Deus sem uma dedicação total. Em consequência, seu rendimento acadêmico decai e ela começa a frustrar-se nos estudos. Uma sutileza que terá alto custo mais tarde para sua realização pessoal e para o serviço do Reino.

d) Frequentes ilusões

Na grande maioria dos casos, argumentos verdadeiros, mas enganosos, porque se faz um juízo errado sobre o valor evangélico do ato para a pessoa em questão. Exemplificando: Uma pessoa muito engajada na comunidade, que discerne a vocação à vida consagrada e confronta esse fato com a missão que já exerce na Igreja, diz: *“Que farei eu como religiosa que um leigo não possa fazer...?”* Ninguém nega que as duas situações têm valor, mas, para essa pessoa, a vida religiosa seria a resposta a uma vocação específica e, portanto, fazer a mesma coisa como religiosa é mais importante para ela.

17. Na tradição inaciana, o Exame é o método de discernimento diário que nos deixa em constante atenção a Deus. Esse trabalho não termina com a conclusão dos Exercícios, mas a pessoa está em um processo de vida, no qual a liberdade nunca está definitivamente garantida e os condicionamentos, tanto internos como externos, continuam operando. Daí a necessidade do discernimento contínuo. Cf: DOMINGUEZ..., *Psicodinâmica...*, op. cit., p. 117-134.

5. A nova tática e o engano espiritual

Deste modo, o mau espírito percebe que não pode deter a pessoa em seu progresso atacando-a abertamente e se disfarça de *anjo de luz*, entra na marcha dos seus bons desejos, fala de Deus, de perfeição, de virtude. Inspira pensamentos que produzem deleite, pois são bons e piedosos, mas com a finalidade de conduzir a outros pensamentos maus ou a um estado duvidoso [332].

Sua tática agora é levar sutilmente ao engano espiritual:

Esta problemática do engano, entendida como a intromissão do aparente, do falso ou puramente imaginário, é o que a psicologia contemporânea e, particularmente, a psicanálise, tornou manifesto com o tema do ilusório. Ilusório são as construções mentais que têm sua base e motivação fundamental na força do desejo, à margem ou contra a realidade. A psicanálise também descreveu os mecanismos nos quais o ilusório se apoia. Inácio, sem o conhecimento destas colaborações da psicologia, mostrou uma surpreendente sagacidade para detectar estas complexas vias pelas quais o engano, o aparente, o imaginário ou o ilusório se constituem no campo da vida espiritual¹⁸.

18. DOMINGUEZ..., *Engaño...*, op. cit., p. 753.

Esse tipo de tentação é de nível próprio das pessoas *cultivadas*, amadurecidas. O mau espírito dará uma aparência de verdade à mentira que é induzida pela falsa consolação, levando sutilmente a pessoa a ter por certo aquilo que não o é. Enganando, o mau espírito leva a um erro de percepção ou de julgamento. Essa percepção não corresponde à realidade e, portanto, é uma ilusão. O engano não se deixa ver de modo direto, mas se oculta e busca encontrar justificação com sábias e, inclusive, santas razões. O inimigo apresenta-se *sub angelo lucis*, com “*pensamentos bons e santos*” [332], para depois trazer a pessoa aos “*enganos manifestos*”¹⁹:

19. Cf. *ibidem*, p. 762.

O inimigo, contudo, não apresenta mais os vícios do mesmo modo que poderia apresentar a uma pessoa espiritualmente grosseira, ou a um principiante no caminho espiritual. [...] Agora eles vêm revestidos de uma luz de prática espiritual, de modo que o vício que, por si mesmo, é negativo, é aceito graças à sua “*embalagem*” positiva, espiritual. O orgulho, por exemplo, pode ser introduzido pelo zelo apostólico²⁰.

20. RUPNIK, MARKO. *O discernimento*. São Paulo, Paulinas, 2004, p. 107.

O mau espírito, disfarçado de *anjo de luz* [332], imita o modo de agir de Deus e introduz uma consolação — *em vez de perturbar*,

consola [331]. Quem não está atento, entrega-se ao engano sem desconfiança. O drama do engano é que quando a pessoa ludibriada toma a decisão, ela a tem por certa, e só descobrirá o engano depois de ter sido enganada. C. S. Lewis ilustra bem essa situação, em um dos sugestivos diálogos entre o experiente diabo Fitafuso e seu sobrinho Vermebile, que é aprendiz de tentador e está treinando em um “paciente” humano:

Sem dúvida, você está fazendo excelente progresso. Eu apenas temo que, ao tentar apressar o paciente, você faça com que ele perceba a sua situação. Afinal, nós dois, que enxergamos a situação como ela se apresenta na realidade, jamais devemos nos esquecer do quanto ele a percebe de modo totalmente diverso. Sabemos que ocasionamos uma mudança de rumo que já o está levando para bem longe da órbita do Inimigo, mas você deve fazê-lo imaginar que todas as escolhas que causavam essa mudança de curso são revogáveis e insignificantes. Jamais permita que ele suspeite de que agora está, mesmo que lentamente, distanciando-se do Sol numa rota que o levará direto para a frieza e a escuridão do espaço mais distante.

Por esse motivo, fico quase feliz em saber que ele ainda vai à igreja e que ainda comunga. Sei que há perigo nisso, mas qualquer coisa é melhor do que ele perceber o quanto está distante dos primeiros meses de sua vida cristã. Conquanto ele retenha externamente os hábitos de um cristão, você poderá fazê-lo imaginar que é uma pessoa que adotou novos amigos e divertimentos, mas cuja vida espiritual ainda é praticamente a mesma de seis semanas atrás. E, enquanto ele continuar pensando dessa maneira, não teremos de lutar com o arrependimento explícito de um pecado explícito que ele reconhece totalmente, e sim apenas com a sensação vaga, mas ainda assim um tanto incômoda, de que ele não tem se comportado muito bem ultimamente.

É preciso manipular cuidadosamente essa vaga sensação incômoda. Se ela se tornar muito forte, poderá despertá-lo e, com isso, vir a arruinar tudo²¹.

Portanto, é necessária atenção em relação a todo projeto ou moção que se nos apresenta como evangélica, pois *no princípio tudo é igual*, mas, no desenrolar do processo vital que se segue ao momento da consolação, os *frutos* podem ser muito diferentes [333]. Ainda que as intenções sejam retas e o desejo de servir a Deus seja

21. LEWIS, C. S. *Cartas de um diabo a seu jovem aprendiz*. São Paulo, Martins Fontes, 2005, p. 56-57.

22. Cf. CLÉMENCE..., *para buscar...*, op. cit., p. 26-27.

grande, a pessoa está exposta a enganos sutis. Ela pode ter bons pensamentos, como anunciar o Evangelho para a conversão de muitos ou construir um mundo justo e fraterno, e ainda assim fazer o *jogo do inimigo*²².

É a típica tentação de quem já aprendeu a vencer-se a si mesmo e está cheio de ardor pelo Reino, mas não está livre do risco de seguir caminhos nada evangélicos com o mesmo ardor. Pela ação do inimigo, pode ser levado

pouco a pouco a não estar realmente com Cristo, mas somente pensar que está. Cristo deixará de ser uma pessoa viva, de ser o Senhor e Salvador, e será substituído por um punhado de pensamentos sobre ele, talvez por uma doutrina bem articulada, ou por um intenso sentimento que se pareça com ele. Mas, na verdade, a pessoa encontra-se novamente enclausurada em seu eu e seu Cristo é uma fantasia. [...] Com suas fraudes, o inimigo quer fazer-nos passar do realismo à ilusão, do amor à solidão, da vida ao deserto, de ser redento ao não sê-lo²³.

23. RUPNIK..., *Discernimento...*, op. cit., p. 109.

Aqui a pessoa encontra-se diante de um forte chamado à liberdade, pois o discernimento pretende colocá-la em crise, de modo que deve estar sempre vigilante, examinando-se e submetendo-se ao crivo do Evangelho, como ensina a 5ª regra: “Devemos atender muito à sequência dos pensamentos. Se o princípio, o meio e o fim são todos bons, inclinados inteiramente para o bem, é sinal do bom espírito” [333]. Isto é de fundamental importância, pois

o inimigo é hábil para entrar pela porta de nossas expectativas e para atender aos nossos desejos, apresentando-nos imagens de nós mesmos, da nossa vida espiritual, de Deus, dos santos, toda uma imaginação saborosa que alimenta os afetos, os sentimentos, e que ocupa a nossa mente com o objetivo de vender-nos, assim, os seus pensamentos e fazer-nos começar a pensar de acordo com a sua maneira²⁴.

24. *Ibidem*, p. 113.

As regras 5ª e 6ª [333-334] descrevem bem a sua tática. O exame das moções, com o auxílio dessas regras, é um esforço da inteligência para discernir com cuidado a qualidade dos pensamentos e estados interiores e, assim, perceber a *cauda serpentina* do inimigo e seus enganos. Ao reconhecer a presença encoberta e disfarçada do mal e o seu processo de ação, é preciso aprender com a experiência, guardá-la na memória e agir contra.

Um exemplo: uma pessoa fez opção por uma austeridade maior de vida. Assumiu tal opção com alegria, porque a experimentou como um chamado de Deus e como ação do Espírito. Há, inclusive, razões muito objetivas: nessa realidade de consumismo e ostentação em que vivemos, a austeridade é um verdadeiro testemunho de solidariedade evangélica. Com o passar do tempo, porém, ela começou a desenvolver dinâmicas de intransigência, de tensão, de crítica amarga e julgamentos, desprezando e entrando em conflito com aqueles que não viviam a mesma austeridade. Partindo dessa austeridade, que tinha como meta a vivência de um valor evangélico — a maior simplicidade de vida e proximidade ao Cristo pobre —, a pessoa acabou desenvolvendo dinâmicas que romperam com a fraternidade e passou a colocar-se como critério de julgamento dos outros. Começo, meio e fim, analisados, demonstram a presença do mau espírito, com sua cauda serpentina escondida atrás das asas do disfarce de um anjo de luz.

6. Para discernir na consolação

A maneira mais eficaz de discernir uma consolação é verificar seu trajeto ou roteiro. Diante de três perguntas — *O que experimento? Como o sinto? Para onde me leva?* —, verificar: se aproxima a pessoa do Deus revelado por Jesus, do espírito das Bem-Aventuranças, dos valores do Reino; se a faz crescer na fé, na esperança e na caridade; se a faz sair de si para viver a comunhão com Deus e os irmãos, então essa moção vem de Deus. Se a leva a ídolos, afasta-a do espírito das Bem-Aventuranças e dos valores do Reino, faz decrescer a fé, a esperança e a caridade; se a torna autossuficiente e fechada em si mesma, vem do mau espírito.

Com esses critérios, a chave para o discernimento é verificar: se uma consolação leva a tomar uma decisão com ânimo e alegria e se, no trajeto da prática que se segue à decisão, desenvolve-se uma situação de tensão, aridez, atitude crítica, amargura, intransigência, julgamento dos outros, fechamento em si... O fim não é bom e a consolação inicial foi desvirtuada; trata-se de uma falsa consolação.

A falsa consolação tem características consoladoras, mas se dá uma espécie de *obscuridade* e a pessoa acaba centrada em si mesma. Seu processo de desenvolvimento tem três fases características²⁵: no princípio, o inimigo da natureza humana acomoda-se às incli-

25. Cf. LÓPEZ..., *Los ejercicios...*, op. cit., p. 908.

nações da pessoa devota e fiel a Deus e à tendência da consolação verdadeira; no meio, começa a introduzir fraudulentamente *pensamentos apaixonados*, aparentemente bons e santos, ainda em conformidade com a tendência geral dessa pessoa. Na realidade, porém, esse movimento interior está mesclado de uma tendência sutil à autossuficiência, ao amor próprio, à vaidade, ao fechamento em si etc., que vai crescendo aos poucos; no fim, manifesta-se claramente o mal planejado, que é deter a pessoa em seu progresso espiritual e no serviço do Reino, arrastando-a ao abismo da vida sob a Bandeira de Satanás [142].

7. Algumas situações de tentações que deturpam a consolação

Para Santo Inácio, a consolação é um fenômeno *motor* — é *moção* espiritual —, que coloca a pessoa em movimento e alarga seus horizontes rumo ao *mágis*, mas também a descreve como fenômeno *movediço*²⁶, seja porque há alternância com as desolações [323], seja porque o que se segue à consolação depende da colaboração humana [324]: podemos ser dóceis ou resistentes ao movimento que a consolação nos propõe; é preciso acolhê-la, alimentá-la e colaborar com ela; é preciso tomar cuidado com a tentação de nos apropriarmos dela, de domesticá-la.

Assim, ao mesmo tempo que se refere à consolação como o *inflamar da alma no amor de seu Criador e Senhor*, que faz que ela não possa *amar nada sobre a face da terra a não ser no amor deste mesmo Criador e Senhor* [316], Inácio destaca os perigos que podem desvirtuar essa mesma consolação²⁷. A seguir, são descritas algumas situações em que uma falsa consolação pode levar a pessoa a excessos e desequilíbrios, pela *tentação em forma de bem*.

a) *Fazer ninho em casa albeia*²⁸

O exercitante pode facilmente oscilar entre o amor às criaturas “em seu Criador e Senhor” [316], que o leva a “em tudo amar e servir” [233], e o amá-las “em si mesmas” [316], passando à idolatria e ao amor a si mesmo nelas em vez de amar nelas ao único *Criador e Senhor*, fonte de todos os dons²⁹. Este risco existe em relação à consolação. Por isso Inácio prescreve: “Quem estiver consolado, procure humilhar-se e abaixar-se o quanto puder, pensando quão pouco vale

26. Cf. Ignacio IGLESIAS, “La consolación espiritual: una lectura desde la envidia”, *Manresa*, 75 (2003), p. 255.

27. Cf. *Ibidem*.

28. Cf. IGLESIAS... “La consolación...”, art. cit., p. 253-267.

29. Esta é a grande questão do Princípio e Fundamento. Inácio a considera tão importante, que mantém um constante alerta sobre ela. Na oração preparatória, o exercitante vai pedir em todo o tempo de Exercícios: “graça a Deus nosso Senhor, para que todas as minhas intenções, ações e operações sejam ordenadas puramente ao serviço e louvor de Sua Divina Majestade” [46]. E no Exame, duas vezes ao dia, no primeiro ponto, vai tomar consciência do fundamental que é o reconhecimento do *dom*: “dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos” [43].

no tempo da desolação, sem tal graça ou consolação” [324]. E mostra uma das causas da desolação:

para dar-nos verdadeiro conhecimento e compreensão, a fim de que sintamos internamente que não depende de nós o conseguir ou conservar grande devoção, amor intenso, lágrimas ou qualquer outra consolação espiritual, mas que tudo é dom e graça de Deus Nosso Senhor. E também para que não façamos ninho em casa alheia, exaltando nosso entendimento com alguma soberba ou vanglória, atribuindo a nós mesmos a devoção ou os outros aspectos da consolação espiritual [322].

Pois o *fazer ninho em casa alheia* é uma tentação frequente: em vez de manter-se pequena e agradecida diante da consolação, a pessoa toma posse dela e passa a adorá-la. A consolação é um dom e quem se apropria do dom afasta-se da *Bandeira de Cristo*³⁰ e encerra a consolação sobre si mesmo. “Até agora, Consolador e consolado caminhavam juntos. Não em paralelo, mas em relação”³¹ e, ao apropriar-se da consolação, o *consolado* rompe essa relação sadia com o *Consolador* e passa a caminhar por seus próprios caminhos e a *fazer ninho em casa alheia*: passa da busca do *maior serviço e louvor de sua divina Bondade* [157] à busca do *próprio amor, querer e interesse* [189].

Aqui há um forte apelo à *sensualidade*³². Consolada, a pessoa vai rezar e servir com mais gosto e percebe-se inflamada com alegrias espirituais, verdadeiras luzes interiores que consolam. Pouco a pouco, pode concentrar sua atenção sobre esse calor interior, essa luz agradável que a satisfaz e vai deixando de buscar o Doador da consolação; fixa-se nos efeitos sensíveis do dom, dos quais dependerá cada vez mais. Já não lhe basta a propriedade: para satisfazer a essas demandas da *sensualidade*, precisará *acumular* cada vez mais e assegurar-se de manter essa posse.

Ela entra em um processo de autocentramento, marcado pela insaciabilidade na busca da consolação, que passa a ser vista como condição para sentir-se bem com Deus. “Essa ansiedade vai cegando-a e ela pode não ver que houve *mudança de anjo*: o que lhe causava consolação ‘para proveito da alma, para que cresça e suba de bem a melhor’ foi substituído pelo que trabalha ‘para o contrário’ [331], ao ‘introduzir-se em conformidade com a alma devota e sair com proveito dele’ [332]”³³.

Essa passagem é muito sutil, refinada: uma experiência de calor espiritual, de zelo pelo maior serviço de Deus, pouco a pouco, vai levar a pessoa a deixar de crescer “de bem a melhor no serviço de Deus nosso Senhor” [315].

30. Cf. [136-148]. As *Bandeiras* podem ser entendidas como o confronto existencial entre a dinâmica do *dom* (Bandeira de Cristo), que leva à comunhão e à profunda liberdade, e a dinâmica da *apropriação* (Bandeira de Satanás), que leva ao encerramento em si mesmo e à escravidão.

31. IGLESIAS... “La consolución...”, art. cit., p. 256.

32. Cf. RUPNIK... *O discernimento...*, op. cit., p. 111-118.

33. IGLESIAS... “La consolución...”, art. cit., p. 258.

b) Ideal exagerado

Quando alguém *vai de bem a melhor no serviço de Deus nosso Senhor* [313] e experimenta o ardor da consolação, o mau espírito pode introduzir sua cauda serpentina, entrando com um apelo baseado em um valor evangélico indiscutível, para aproveitar-se de uma *qualidade* sua. Esconde-se por trás daquilo que ela tem de melhor, para levá-la ao exagero e desequilíbrio, que a fazem extrapolar as forças e desgastar-se, detendo-se no crescimento espiritual e no serviço de Deus. Quando questionada, a pessoa tem um discurso convincente, pondera com razões bem elaboradas, para mostrar que o caminho que ela segue é vontade de Deus³⁴.

34. Cf. Carlos CABARRUS, *La mesa del banquete del Reino. Criterio fundamental del discernimiento*, Bilbao, Desclée De Brouwer, 1998, p. 210.

Ela passa a viver em situação de *segunda classe de pessoa* [154]: quer seguir a Jesus sem abrir mão das decisões que tomou a partir da experiência de consolação, mesmo quando outras pessoas a alertam dos riscos que corre e a chamam à objetividade diante dos fatos. Ela está sendo movida por *razões aparentes*, defendidas aqui por forte mecanismo de *racionalização*³⁵. Surge uma tendência velada de converter-se em critério de verdade em relação aos outros, que não podem entendê-la porque não experimentam o que ela experimenta e, por isso, não entendem o que ela vive. O ponto final é a *soberba*, que separa radicalmente de Deus e de seu Reino.

35. Mecanismo de "racionalização: a utilização de um pensamento verdadeiro para ocultar outro que interessa mais, mas que é inconfessável". DOMÍNGUEZ... "Engaño...", art. cit., p. 762.

Por exemplo, uma jovem que trabalha, estuda e cuida dos pais é muito atuante em sua comunidade, uma liderança reconhecida. Ela atua na catequese, coordena a Pastoral da Juventude e é convidada a fazer parte da equipe de Liturgia e responsabilizar-se por uma das missas dominicais. Reza sobre isso e sente uma moção para aceitar o convite. Pensa: "Já tenho a catequese e a juventude, mas ainda me resta algum tempo livre e o Senhor me chama a ser generosa e a servir sempre mais. Eu vou aceitar". Uma amiga que a conhece bem a alerta: "Preste atenção, pois você está se sobrecarregando de coisas. Que tempo lhe sobra para rezar, para descansar, para estar com a família, para ler... Deus nunca pede nada além de nossos limites e você está extrapolando os seus". Ela, porém, não dá ouvidos, justifica sua decisão e aceita a proposta. Com o passar do tempo, está cansada e desanimada; uma sutil razão aparente fundada em valores evangélicos indiscutíveis — servir mais e ser sempre generosa — que levou a um final nada bom.

c) Fervor indiscreto

Apoia-se em pontos positivos da sensibilidade da pessoa, muitas vezes o que ela tem de melhor (generosidade, criatividade, compaixão, disponibilidade...), e leva a atitudes boas em si, mas que são ações concretas provocadas por *arrebatamentos*³⁶. Há uma *valentia* nela: está inflamada a tal ponto, que supõe ter mais forças para realizar o que lhe dita o fervor do que realmente tem, ou que conta com muita graça de Deus, a ponto de não ter que se preocupar com os próprios limites. Não é capaz de pesar as condições reais com objetividade e sente que ninguém pode julgá-la ou opinar sobre o que se lhe passa, porque o que ela vive é algo tão original, que quem não fez a mesma experiência não pode compreender. E, em lugar do maior serviço, o resultado é que a pessoa consome-se, queima-se, e aí acaba tudo. A diferença do ideal exagerado é que aquele se justifica por um discurso ponderado e bem elaborado e aqui tudo se desenvolve a partir de uma urgência trazida pela inspiração que surge da experiência de alma abrasada pela consolação.

Exemplificando, um jovem, profissional bem estabelecido no mercado de trabalho, faz os Exercícios de oito dias e ali se sente muito consolado. Percebe a futilidade do mundo de concorrência e aparências em que vive e sente-se chamado à vida religiosa. Depois do retiro, ele procura o acompanhamento de um padre e expressa-lhe o desejo de deixar tudo — trabalho, casa — para imediatamente entrar para a vida religiosa. O padre pede-lhe que tenha paciência, que seja acompanhado por pelo menos um ano, participe do grupo vocacional, faça mais uma vez os Exercícios para depois pensar em uma decisão mais concreta. No entanto, ele tem este chamado como certo, sente urgência em responder e não concorda com o padre. Entrou então em outra Congregação, que o aceitou de imediato. Oito meses depois já tinha saído e estava frustrado e desolado, pois a vida religiosa não era o que ele projetara em seus arrebatamentos de fervor indiscreto e agora estava sem casa, sem emprego e desiludido com Deus.

d) Apego à missão³⁷

Outra forma de tentação se dá sob a aparência de zelo apostólico. A pessoa de início está muito consolada com a pastoral onde atua, mas, aos poucos, seu foco de atenção muda: ela tira o olhar e o coração Daquele que lhe deu a missão nessa pastoral e concen-

36. Cf. CABARRUS..., *La mesa...*, op. cit., p. 211.

37. Cf. RUPNIK..., *Discernimento...*, op. cit., p. 115-118.

tra-se cada vez mais na própria pastoral, no bem que ela faz aí. Deste modo, acha-se responsável por levá-la adiante, a ponto de não admitir mudanças. A cada possibilidade de que isso aconteça, responde com uma argumentação interminável para justificar a importância de sua permanência ou das coisas serem feitas à sua maneira. E, quando não se procede como ela pensa e quer, sente-se mal, angustia-se, perde a paz, entra em conflito com as pessoas.

Assim, apoiando-se na capacidade que a pessoa tem de fazer o bem, o inimigo ofusca a consolação através da preocupação velada consigo mesma que, pouco a pouco, leva-a a tirar o olhar do Senhor. O que parece ser total disponibilidade oculta um apego, que se desenvolve em torno da necessidade de autossatisfação e de reconhecimento latente nela. Essa necessidade é caminho aberto para a fraude à qual o inimigo a induz, entrando *disfarçado de anjo de luz*, em *conformidade* com a alma zelosa, para conduzi-la *sutilmente*, através do bem que ela faz, às suas *perversas intenções*.

38. Cf. *ibidem*, p. 129-133.

e) Perfeccionismo³⁸

Tentação muito sutil de quem *vai crescendo de bem a melhor no serviço de Deus nosso Senhor*. Esse crescimento se dá em meio a um combate espiritual, e a pessoa empenhada em crescer vai vencendo as lutas com ajuda e graça do Espírito do Senhor. Ela vive com alegria a relação com Deus, experimenta consolação, tem gosto pela oração e grande vigor apostólico. Aos poucos, porém, podem-se introduzir sutilezas e enganos que a levam a voltar o olhar para si mesma e:

- pensar que este rico estado de alma e esta capacidade de superar as tentações e as dificuldades seja um mérito seu, fruto do próprio empenho, da própria observância dos preceitos, orações e sacrifícios; isto é *fazer ninho em casa alheia* [322];
- ou pode sentir, diante do constante reconhecimento de suas falhas e imperfeições, pecados e infidelidades, que não é digna de servir a Deus, pois tal chamado exige pessoas com capacidade de perfeita observância dos mandamentos e coerência total de vida com o Evangelho; isto é cair na tentação típica das pessoas de *consciência delicada*, pois o inimigo “procura torná-la ainda mais delicada para mais a perturbar e prejudicar” [349];
- ou pode achar que sua oferta de vida a Deus implica fazer tudo da melhor maneira possível pelo Reino, empenhando-se

até o esgotamento, entrando em um ciclo de ideal exagerado, porque as coisas nunca estão suficientemente boas e sempre pode-se fazer mais e melhor; entra em conflito com as pessoas que não se empenham ao nível que a seu ver é o esperado por Deus e estabelece dinâmicas de intransigência que rompem com a fraternidade; isto é, cair na *tentação em forma de bem* [332].

Com isso, desgasta-se a ponto de perder o gosto pela oração e pela missão e a consolação inicial termina em um grande vazio interior.

8. Algumas orientações inacianas que nos ensinam a lidar com essas tentações

A tentação em forma de bem milita contra o progresso espiritual ao fazer a pessoa perder o necessário equilíbrio, essencial para viver o *mágis*. Perdendo esse equilíbrio, ela cai no ativismo, extrapola suas forças e compromete a fecundidade de sua vida espiritual e da missão. Algumas expressões inacianas podem ser assumidas como regras de vida, sábias orientações que nos ajudam a tomar posição contra estas sutilezas e enganos.

a) “O que descansadamente se possa levar”

Na anotação 18, Santo Inácio ensina que é preciso adaptar os Exercícios à condição de cada pessoa, de modo que ela tire o maior proveito espiritual dentro dos seus limites. Ele diz que é necessário dar a cada uma *o que descansadamente possa levar*. Essa expressão, porém, contém uma sábia orientação para a vida, que pode ser aplicada como uma forma de combater as artimanhas e os enganos sutis do mau espírito que levam a pessoa a extrapolar suas forças.

A espiritualidade inaciana chama-nos sempre ao *mais* e ser *mais* para Deus significa *dar tudo*: “Pois cada um deve persuadir-se que na vida espiritual tanto mais aproveitará quanto mais sair de seu próprio amor, querer e interesse” [189]. O *tudo* inaciano é uma convocação da pessoa à total abnegação, para alcançar a liberdade interior e assim integrar em Deus e para Deus o que há de positivo em si e em todas as coisas³⁹.

No entanto, o *tudo* é sempre norteado pelo limite do possível, que gera uma plenitude gozosa — *o que descansadamente se possa*

39. Cf. Javier MELLONI, “Todo”, em: J. García de CASTRO (org.), *Diccionario de Espiritualidad Inaciana*, Bilbao-Santander, Mensajero-Sal Terrae, 2007, p. 1704-1707.

40. MOLINA..., *Lo que...*, art. cit., p. 270.

41. Cf. *ibidem*, p. 271.

42. Cf. *ibidem*.

levar —, de modo que “o *mais* deixa de ter sentido quando já se fez *tudo* o que se podia fazer”⁴⁰. E para nós não é fácil fazer a experiência da limitação. Diante disso, a orientação do Pe. Polanco ao Pe. Viola continua válida e atual: “Não fique demasiadamente desgostoso por as coisas não acontecerem da maneira esperada, porque deve bastar-nos fazer, em tudo, o melhor que possamos”⁴¹.

Nesse sentido, é sugestiva a orientação de Santo Inácio ao Pe. Ferraniense, angustiado com as dificuldades de uma missão que lhe fora confiada: “que faça o que puder, com *mediocre cuidado*; o resto o deixe a Deus N. S.”⁴². Inácio não incentiva a mediocridade no sentido de ser inexpressivo ou acomodado, fazendo apenas o necessário e vivendo em função de necessidades narcisistas. Muito pelo contrário: ele quer a pessoa em constante busca do *mágis*, rompendo com todos os horizontes estreitos, sem deter-se em zonas de conforto que possam limitá-la.

O *mágis*, porém, contém em si o critério da medida e do equilíbrio, necessário para que a pessoa não se consuma antes de consumir a obra que começou, mas a leve sempre a bom termo com boa dose de consolação espiritual. Assim, o *mediocre cuidado* refere-se exatamente a esta impossibilidade que temos de ir além de nossos limites. Essa *mediocridade* é algo necessário se a pessoa quer permanecer em sua decisão e se quer continuar sendo ela mesma, sem cair em sutilezas e enganos do inimigo da natureza humana, que quer levá-la a consumir-se e frustrar-se.

b) “A *discreta caridade* julgará o que convém”

43. Cf. IGNACIO IGLESIAS, “Discreta Caritas”, em: J. García de CASTRO (org.), *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana*, Bilbao-Santander, Mensajero-Sal Terrae, 2007, p. 616-623; *Id.*, “La discreta caridad de la observancia”. *Manresa*, 68 (1996), p. 161-176; Jesus ITURRIOZ, “La ‘discreta caridad’ en la segunda parte de las Constituciones de la Compañía de Jesús”, *Manresa* 46 (1974), p. 15-28.

44. Carta do Pe. Polanco a São Francisco de Borja, escrita por delegação de Santo Inácio, 25/01/1549, Epp. II, p. 322.

*Discreta caritas*⁴³ é um modo inaciano de expressar essa prerrogativa da constante busca do equilíbrio na ação, proporcionado pelo discernimento, que protege a pessoa da *caridade indiscreta*, consequência da *tentação em forma de bem*. Em carta a Francisco de Borja, Inácio diz: “Roga à eterna Sabedoria dar-nos sempre a todos caridade tão discreta e discrição tão caritativa, que nunca deixemos de querer nem de acertar o que é mais aceito e grato em sua divina presença”⁴⁴.

Aqui se trata da *caridade* no sentido mais puro e original, o do “amor que inunda nossos corações pelo Espírito que nos foi dado” (Rm 5,5), que é *discreta* porque imbuída do conhecimento e discernimento profundo *do que mais convém* (Fl 1,9) à vida e à ação. O Espírito, amor de Deus que nos habita, é, ao mesmo tempo, aquele que nos ilumina na hora de agir e de viver o amor, para que a prática do amor seja sempre discernida e equilibrada.

Discreta — *discrição, discernir* —, no sentido que Inácio dá à *discrição de espíritos*, é a iluminação interior que possibilita verificar a procedência das consolações que estão motivando a ação⁴⁵. Deste modo, a caridade será pautada pela discrição e, assim, *ordenada* em seus ditames (Const 237), até o ponto de converter-se em prudência (Const 215). “Esta *discrição* vem do Espírito Santo (Const 219) e permite bem exercer a caridade, ponderadamente, em um mundo plural onde influem muitas circunstâncias particulares de pessoas, tempos e lugares (Const 211)⁴⁶.

Discreta caritas significa *discernir em caridade*, ponderar as circunstâncias diante de Deus e chegar a um ponto de equilíbrio para a ação que seja ditado pela norma maior da caridade. O fruto da discrição será traduzido efetivamente em caridade atuante, de tal modo que “o impulso efetivo da caridade seja reto e efetivamente ordenado nas decisões tomadas no divino serviço”⁴⁷ (cf. Const 217). Para Santo Inácio, caridade e discrição estão mutuamente comprometidas não só para querer conforme Deus quer, mas para acertar a justa medida no exercício do amor que “deve consistir pôr-se mais em obras que em palavras” [230].

Portanto, a *discreta caritas* é um chamado e um critério para a caridade que pondera, pesa, avalia a realidade “diante de Deus” (Const 209) e decide o modo de agir e o caminho a seguir em que possa realizar, de maneira equilibrada, “em tudo e por tudo, o maior louvor e glória de Deus nosso Senhor” [189]. Assim, o amor em gestos que brota da experiência das moções será sempre amor discernido.

c) “Não ter limites para o máximo e saber conter-se no mínimo”

Ao descrever a vida e personalidade de Inácio, o autor de *Elogium Sepulcrale*⁴⁸ escreve: “*Non coerceri maximo, contineri tamen a minimo, divinum est*” [“Coisa divina é que o maior não nos contenha e, além disso, que o menor nos contenha inteiros”, ou “Não ter limites para o máximo e saber conter-se no mínimo”]⁴⁹.

O divino atua em Inácio e “funde intimamente nele uma mística da Transcendência e uma mística da Encarnação. Tendências opostas, mas que, longe de fazerem oposição entre si, chamam-se mutuamente, equilibram-se e reforçam-se sem medidas. Porque a medida do Amor é sem medida, para fazer que nossa vida participe assim do mesmo ritmo da vida do Pai, do Filho e do Espírito. Essa

45. Cf. IGLESIAS..., “Discreta...”, art. cit., p. 617.

46. Cf. ITURRIOZ..., La “discreta caridad”..., art. cit., p. 26.

47. Ibidem, p. 27.

48. *Elogium Sepulcrale St. Ignatii*, do Pe. Jean Bolland, SJ (1596-1665), é um dos textos de uma obra composta em comemoração aos 100 anos da Companhia de Jesus. No *Elogium* é feita memória dos 10 primeiros Companheiros.

49. Cf. Pascual CEBOLLADA, “Non coerceri maximo, contineri tamen a minimo, divinum est” (“Cosa divina es que lo más grande no nos frene y, sin embargo, que lo más pequeno nos contenga enteros”), *Manresa*, 82 (2010), p. 247-252; Gaston FESSARD, *La dialectique des exercices de Saint Ignace*, Paris, Éditions Mouton, 1956, p. 164-177.

50. FESSARD..., *Dialectique...*, op. cit., p. 176.

palpitação da Vida trinitária, nunca limitada pelo maior, mas sempre contida no menor, é o que o autor de seu *Elogium Sepulcrale* percebeu em Inácio⁵⁰.

Viver a *discreta caritas* — caridade discernida — significa eleger constantemente, em meio a tantos apelos e urgências que se nos apresentam, o modo ou o caminho para amar conforme Deus ama, de acordo com a Sua vontade:

amar o céu e a terra, o grande e o pequeno, comprovando no amor cotidiano que meus desejos elevados são efetivamente segundo Deus e bons para os demais, e que minhas carências e misérias devem elevar-se em direção a Ele. O amor bem discernido não permanece na pessoa, mas sai de si, do “próprio amor, querer e interesse” [189] e, por isso, acerta⁵¹.

51. CEBOLLADA..., *Non coerceri...*, art. cit., p. 252.

Acertar, nesse sentido, é viver o equilíbrio entre o *mágis*, que busca a *maior glória de Deus* e o *descansadamente*, de quem aprende a não cair nos *enganos* que levam aos exageros da *tentação em forma de bem*. Trata-se, pois, de *não ter limites para o máximo e ao mesmo tempo saber conter-se no mínimo*.

9. Conclusão

Inácio remete constantemente o exercitante a *buscar o que quer e deseja*, sabendo que Deus supera inclusive o maior de seus desejos. No entanto, são desejos que, ao final, encarnam-se no “limitado”, em uma eleição que o insere na sociedade, na cultura, na Igreja, e que tem que ser vivida nesta realidade concreta, com todo o potencial e as limitações de sua vida. A tendência ao *máximo*, dinamizada pelo *mágis*, contrasta com a atenção e o cuidado ao pequeno, com a encarnação na realidade; o entusiasmo das grandes causas deve ser submetido ao crivo da *discreta caritas* para descobrir os limites *do que descansadamente se possa levar*, sabendo que é sempre necessário *não ter limites para o máximo e saber conter-se no mínimo*. Viver essa tensão evita o risco da *tentação em forma de bem* que, *sutilmente*, quer transformar o *mágis* e a *maior glória de Deus* dos máximos desejos em busca de eficácia e domínios escravizantes de ativismos exaustivos.